

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. **O corpo das artes (cênicas) latinas ainda é razão e emoção!**. Campo Grande, MS: NAV(r)E-Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas/NECC/UFMS. Curso de Artes Cênicas/PROFEDUC-UEMS; Professor.

RESUMO

Pensar em corpo específico de uma linguagem de arte ainda é pensar em um corpo disciplinado e domesticado na distinção entre razão e emoção como pensado pelo projeto moderno cartesiano! Um corpo disciplinado aqui é um corpo físico ainda que com sensações. Considerando essas questões, penso e resisto na ideia de que o corpo das artes (cênicas) latinas, em geral, ainda é um corpo div(i)(en)dido na presença da “cena” artística brasileira. Do “corpo” que tomo para argumentar a insistência dessa dualidade na arte brasileira, mesmo contemporânea, epistêmico descolonial, entende-se que corpo ainda é “conceito” a ser compreendido para além do “corpo dócil” como “corpo-político” (Foucault), mas estaria inscrito na noção de “corpo-política” (Mignolo) em que razão e emoção são indissociáveis no fazer, no pesquisar e no ensinar arte, pois esses estariam vinculados à noção de que nenhum corpo pode/deve ser domesticado disciplinarmente. Melhor dito, não há “técnica” ou “não-técnica” artísticas ocidentais que não domesticuem o corpo no *cogito* razão e emoção. Assim, quero evidenciar na discussão que todo *ser, sentir e saber* ocidentais ainda estão ancorados na ideia de que o corpo (negro, homo, feminino, pobre – da exterioridade –, entre outros) deve sofrer com se-parações na arte.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo epistêmico. Corpo-arte. Corpo-conhecimento. Corpo-*biogeográfico*.

ABSTRACT

To think of the specific body of an art language is still to think of a disciplined and tamed body in the distinction between reason and emotion as thought by the Cartesian modern design! A disciplined body here is a physical body yet with sensations. Considering these questions, I think and resist the idea that the body of the (scenic) Latin arts, in general, is still a body dived in the presence of the Brazilian artistic “scene”. From the “body” I take to argue for the insistence of this duality in Brazilian art, even contemporary, epistemic decolonial, it is understood that the body is still a “concept” to be understood beyond the “docile body” as a “political body” (Foucault), but would be inscribed in the notion of “body-politics” (Mignolo) in which reason and emotion are inseparable in doing, in researching and teaching art, for these would be bound to the notion that no body can/should be domesticated disciplinarily. In other words, there is no western “technical” or “non-technical” art that does not domest the body in the *cogito* reason and emotion. Thus, I want to point out in the discussion that all Western *beings, feelings and knowledge* are still anchored in the idea that the body (black, homo, feminine, poor - of exteriority, among others) must suffer with seizures in art.

Keywords: Epistemic body. Body-art. Body-knowledge. Body-*biogeographic*.

Introdução – Pensamentos preliminares sobre um “não-corpo”!

“Para o que interessa aqui, entre seus elementos principais é pertinente destacar sobretudo o dualismo radical entre “razão” e “corpo” e entre “sujeito” e “objeto”

na produção do conhecimento; tal dualismo radical está associado à propensão reducionista e homogeneizante de seu modo de definir e identificar, sobretudo na percepção da experiência social, seja em sua versão a-histórica, que percebe isolados ou separados os fenômenos ou os objetos e não requer por consequência nenhuma idéia de totalidade, seja na que admite uma idéia de totalidade evolucionista, orgânica ou sistêmica, inclusive a que pressupõe um macrossujeito histórico.” (QUIJANO, 2002, p. 5)

Minhas argumentações tomam do princípio de que nossos corpos são colonizados! Masculino X Feminino; Baixo X Alto; Gordo X Magro; Dança X Não Dança; Velho X Novo; Atua X Não Atua: esses e outros são conceituações que estabelecem delimitações na atuação do corpo na cultura ocidental. Delimitação para corpos neg(r)ados pelos sistemas homogeneizadores. Mas não somente. Nossa cultura, nossa produção artística, nossas reflexões e nosso modo de ensinar Arte são colonizados e totalizantes. Nosso fazer, nosso saber, nosso sentir igualmente o são homogeneizados. Por fim, nossos pensamentos e imaginários são colonizados pelos projetos Moderno Europeu e Pós-moderno Estadunidense. Desta forma, parece inconcebível, na noção de cultura ocidental que temos implantada em nosso imaginário, conceber um corpo não-ocidental e não-disciplinado. Um corpo que pensa e é por suas próprias razões e emoções um corpo. Ou como vou nominar, uma espécie de não-corpo em relação ao corpo posto pelo pensamento ocidental colonial presente na cultura que seja nosso corpo!

Quanto nosso continente sul-americano tem a nos oferecer. Do Altiplano ao Pacífico, da Terra do Fogo ao Mar do Caribe. No meio do nosso coração, o Altiplano boliviano. Quanto nosso continente sul-americano ofereceu ao mundo. Milho de todas as cores e tamanhos, batata, tomate, quinoa. Sem a agricultura andina, os europeus teriam morrido de fome. Tanto conhecimento ancestral. A arquitetura, a tecelagem, a astronomia, a sofisticada linguagem matemática expressa no kipu, ainda indecifrável para nós, pobres analfabetos das mentes colonizadas. E a sabedoria da montanha, das águas, das pedras, dos animais e vegetais. Toda uma filosofia, todo um conhecimento que só agora começamos a entender. Os segredos da Pachamama. A inteligência da Mãe Terra.

E tudo foi apresentado para mim em um toque com as mãos, olhos e ouvidos. Isso é descolonização, da razão e dos sentidos. Foi o que aconteceu comigo. É o que pode acontecer com cada um de nós. (TURINO, 2013, p. 7-8)¹ (Tradução livre minha)

¹ “Cuanto este nuestro continente sudamericano tien a ofrecer-nos. Del Altiplano al Pacifico de la Tierra del Fuego al Mar Caribe. En el medio nuestro corazón, el Altiplano boliviano. Cuanto este nuestro continente sudamericano ofreció al mundo. Maíz de todos los colores y tamaños, papa, tomate, quinua. Sin la agricultura andina los europeos hubieran muerto de hambre. Tanto conocimiento ancestral. La arquitectura, el tejer, la astronomía, el soficado lenguaje matemático expresado en los kipus, aun indescifrables para nosotros, pobres analfabetos de mentes colonizadas. Y la sabiduría de la montaña, de las aguas, de las piedras, de los animales y vegetales. Toda una filosofía, todo un conocimiento que sólo ahora empezamos a comprender. Los secretos de la Pachamama. La inteligencia de la Madre Tierra. Y todo fue presentado a mí en un toque con las manos, ojos y oídos. Eso es descolonización, de la razón y de los sentidos. Fue lo que pasó conmigo. Es lo que puede pasar con cada uno de nosotros.” (TURINO, 2013, p. 7-8)

Por conseguinte, parece-me que não concebemos um corpo que é, sente ou sabe de si – um corpo para além do corpo ocidental (re)conhecido – que não esteja ancorado à ideia de que o corpo (negro, homo, feminino, pobre – da exterioridade – desgraçado porque não é um corpo concebido por Deus (Cristão, branco e de olhos azuis) –, entre outros) que deve ter em si todo sofrimento de ser esse corpo sem graça, da desgraça de ser, sentir e saber e que, por isso, ao pensá-lo na/sobre/da arte, deve sofrer com se-parações. Esse corpo, então, deve ser posto no palco atrás da cena do corpo que bem atua; deve ser castigado na sala de aula, pois não aprende e desenvolve as atividades que domesticam e domam os corpos; e são corpos que não devem ser pesquisados já que não são corpos que produzem conhecimentos que mereçam atenção. Este assunto é, por essas e outras questões que serão arroladas aqui, absurdamente necessário tendo em vista que paira sobre o (in)consciente ocidental o manto sagrado da salvação do corpo: branco, hétero (fálico) e europeu!

Mas esta terra doadora, também foi vítima de uma colonização perversa, que tudo se extraía, sem sentir nada. Com o tempo formou-se uma elite com os olhos voltados para fora, portanto insensível e exploradora. Da abundância da terra confundida com o paraíso até a má distribuição odiosa e iníqua desses recursos; da elite saciada ao povo maltratado. Por essa razão, descolonizar mente e corpo. Descolonizar para Reconectar. Reconectar para integrar. Integrar para libertar. E, quando liberar-se, trilhar caminhos diferentes. Novos modos antigos, olhando para nós mesmos, um olhar de dentro para fora, unindo cérebro e vísceras, coração e razão. (TURINO, 2013, p. 8)² (Tradução livre minha)

Não apenas a terra, mas a alma, o corpo e o coração do homem encontrado nas *Terras Brasilis* em 1500 foram usurpados de si próprios. Arrancaram-nos os corpos indígenas, ainda que esses estivessem em terras brasileiras (suas terras), de seus lugares e os tornaram prisioneiros dentro de suas próprias regras políticas, sociais e culturais: a favor de uma política de corpo branca e europeia. Contrária ao corpo-política como razão de sobrevivência das diferenças. Os que trabalharam ainda eram salvos, os que aprenderam o cristianismo também foram salvos, os que reproduziram foram tornados salvos pelos poderes dos que os estupraram e os que desobedeceram foram, literalmente assassinados ou escravizados. De modo obrigatório também os africanos foram chegando em grandes levadas como se fossem galinhas descarregadas em grandes quantidades de gaiolas nos portos brasileiros para saciar a fome europeia de ouro, da prata, madeira, depois café, cana e outras tantas coisas que as terras de cá davam tão quase naturalmente. Assim, o corpo indígena, o corpo africano e o corpo daqueles que resultaram de misturas com o invasor europeu – foram arrancados de suas naturezas –

² “Pero esta tierra dadivosa, también fue víctima de una colonización perversa, que todo extraía, sin nada sentir. Con el tiempo se formó una elite con ojos hacia fuera, por eso insensible y aprovechadora. De la abundancia de la tierra confundida con el paraíso a la odiosa e inicua mala distribución de estos recursos; de la elite saciada al pueblo maltratado. Por eso, descolonizar mente y cuerpo. Descolonizar para Reconectar. Reconectar para integrar. Integrar para libertar. Y, al liberarse, trillar caminos distintos. Nuevos viejos caminos, mirando a nosotros mismos, una mirada desde adentro hacia fuera, uniendo cerebro y vísceras, corazón y razón.” (TURINO, 2013, p. 8)

acabaram sendo castigados para os restos de suas vidas como sujeitos sem corpos: como não-cristãos, não-brancos, não-europeus, como não-corpos.

Por um não-corpo como corpo

“O conhecimento indígena é como uma árvore, cujas raízes mais profundas estão na história da comunidade, o corpo e o sangue derivam da terra.” (GAVILÁN, 2012, p. 115)

Os pensamentos aqui em exposição estão em uma fase bastante primária em relação à ideia desse “não-corpo”. Isso, pois o “não-corpo” aqui está para a tentativa de pensar um corpo que se consolida livre de disciplina, normas, regras e técnicas. Quero dizer: um pensamento de um “não-corpo” está em formulação porque o corpo que reconhecemos no imaginário Ocidental como tal, ainda o é, da perspectiva que se vislumbra aqui, razão e emoção dissociados. Somos corpos ancorados por um modelo de *macrossujeito histórico* e geográfico específicos – um Outro que se vê como superior e maior em todos os sentidos. Ou sempre somos *coração e razão* sem nenhum *cérebro e vísceras* para constituição de seus saberes e fazeres com arte. Corpos tratados unilateralmente por áreas do conhecimento que atuamos nas academias – universidades e escolas – brasileiras que visam especificidades postas na cultura latino-americana por culturas que detêm o poder de decidir que corpo Ocidental deve estar em evidência. Conhecimentos que são aprendidos nas instituições a fim de dominação do *corpo estranho* (Cf. FARIA; BESSA-OLIVEIRA, 2019).

Mas antes de começar qualquer coisa, ou de tratar desse corpo *outro* inconsciente que deve vir a ficar consciente, gostaria de esclarecer que não venho falar, portanto, de um corpo para Dança, um corpo para o Teatro, um corpo para as Artes Visuais ou mesmo um corpo físico preparado para “apresentação” em qualquer linguagem artística ou situação que seja! Quero que qualquer interpretação que se faça desta minha proposta de trabalho em pensar que “O corpo das artes (cênicas) latinas ainda é razão e emoção!” – seja para o bem, seja para o mal dos saberes disciplinar (pois é o único lugar do qual supostamente achamos que melhor pensamos o corpo latino, por exemplo) – tome da noção de que estou tratando neste trabalho de “um” corpo epistêmico latino-americano, brasileiro e, no meu caso, mais específico ainda, situado *biogeograficamente*³ em Mato Grosso do Sul: estado do Centro-Oeste brasileiro em situação de fronteira geográfica, cultural e epistemológica com dois países de língua espanhola – Paraguai e Bolívia – e com os estados de SP, MG, PR, GO e Mato Grosso de quem foi, desde último, constituído através de divisão política em 1977.

Uma das ilações é que as diferentes formas de democracia, os direitos civis e a emancipação das mulheres só podem surgir das respostas criativas de epistemologias locais subalternas. Assim, e por exemplo, as mulheres ocidentais não podem impor sua noção de

³ Esta ideia está para *biogeografia* que venho desenvolvendo faz algum tempo. *Epistemologia de Fronteira* (GROSFUGUEL, 2010) em que se prioriza como modos de compreender as produções artísticas, por exemplo, os sujeitos, os lugares e as narrativas artísticas como ponto de partida primeiro antes de qualquer outra relação possível que se queira criar. Desse modo é dizer que todas as reflexões aqui passam pelo meu próprio corpo como epistêmico.

emancipação às mulheres islâmicas. Os homens ocidentais não podem impor a sua noção de democracia a povos não-ocidentais. Isto não é um apelo a uma solução fundamentalista ou nacionalista para a persistência da colonialidade ou para um particularismo de incidência local e isolada. É um apelo ao pensamento crítico de fronteira, como estratégia ou mecanismo conducente a um 'mundo transmoderno' descolonizado enquanto projeto universal que nos leve além do eurocentrismo e do fundamentalismo. (GROSFOGUEL, 2010, p. 482)

O ponto de partida dessas argumentações toma de Mato Grosso do Sul – lugar onde trabalho, pesquiso e produzo em artes visuais (pinturas) – exatamente porque este é, igualmente a outros lugares descentralizados, na cultura nacional brasileira, ainda mais desconsiderado da ideia de corpo e produção de conhecimentos desvinculados do modelo de corpo Ocidental⁴. No Brasil, a contragosto de alguns, há uma hierarquia que se ancora no lugar geográfico e, mais ainda, na história que nos foi forjada como nossa, para firmar-se enquanto sujeito que melhor olha porque o faz de fora do que está dentro dos “limites” impostos pelos sistemas. Explico: quanto mais os lugares no Brasil se inscrevem como centros, mais esses se valem de um poder colonial local para reforçar sua submissão à ideia europeia e estadunidense de que existem centros e periferias. Igualmente se contaminam das aporias eurocêntricas como critérios de julgamento e classificação dos “corpos” não-europeus. Enquanto nos lugares situados geográfico e historicamente como fora dos centros, caso de MS – de exterioridade –, os “não-corpos” algumas vezes emergem e encenam-se com mais facilidade porque se desvinculam mais claramente do conceito de corpo democrático, dócil e político, por exemplo, construído também em disciplinas Ocidental.

Faço questão de esclarecer estes pontos porque não falo do lugar das Artes Cênicas, mas das Artes Visuais. Portanto, quero aqui me valer do meu *não-lugar* disciplinar do corpo físico para falar de um corpo *outro*. E mais ainda, de um lugar em franca exposição de exterioridades *biogeográficas* como modos de produção de arte, cultura e conhecimentos. Um lugar em que o corpo físico como compreendemos hoje – especialmente nas artes – está cada vez mais no lugar moderno do corpo padronizado. Um suposto corpo que se vê dono de suas razões quando, na verdade, é pura obediência à *razão moderna* (Mignolo)⁵. Falo ainda a partir de um posicionamento teórico-político que toma da nossa condição de sujeitos pós-colonizados, em situação de ex-colônia que se viu e se vê colonizador, que vivemos em corpos – de modo geral (físico, artístico e teórico) – em condição imposta de exterioridade ao pensamento moderno europeu instituído no século XV, mas também de condição pós-

⁴ Esta afirmativa está, de certa modo, também ancorada na lógica de Nolasco (2017) ao dizer que quanto mais periférico – fronteiro – os lugares são, mais as teorias, pedagogias, produções artísticas migrantes chegam, mais essas encontram lugar confortável *hospedeiro* sem *hostilidade* como afirma ainda Jaques Derrida.

⁵ O termo de Walter Mignolo é apenas uma ilustração nada sintética de tudo que se vem discutindo e construindo neste trabalho. Quer dizer: na teoria continuamos insistindo na ideia de transposição teórica do pensamento europeu e/ou estadunidense às práticas e pedagogias brasileiras; na prática pedagógica – do conteúdo às leis que regem a educação brasileira – reforçamos os mesmos parâmetros trazidos de experiências vingadoras do exterior; e, não diferente, na produção com arte continuamos insistindo na mesma lógica colonizadora da Europa e/ou dos Estados Unidos como únicas razões de fazeres, saberes e sentir com arte.

moderna estadunidense desde o século XX para cá.⁶ Quando na verdade não saímos ainda das selvas (ou das cavernas para lembrar um antigo mito que paira também nas culturas periféricas como verdade) ou das trevas medievais que nos recobrem para reconhecermos a nós mesmos. Continuamos cegos! E continuamos sem reconhecer o nosso próprio corpo, pois tocar-se é concebido como pecado no mundo ocidental desde os primórdios cristãos! Esses pensamentos impostos aos corpos latino-americanos imperam ainda nas culturas locais desses lugares que buscam, quase sempre, por saberes disciplinares para exposição de suas produções em arte: práticas artísticas, reflexões teóricas ou metodologias pedagógicas.⁷

A América do Sul também foi colonizada com a destruição da cultura do continente mais antigo com população humana, transformando as pessoas em coisa.

A elite que se projetou, levou o máximo e devolveu o mínimo. “O bom é o que vem de fora!”, foi a mensagem que passaram quando engomaram suas roupas na França ou na Espanha, atitude repetida nos tempos atuais, com relógios Rolex e muitos outros símbolos de status comprados. Essas mensagens criaram raízes nas mentes da elite e daqueles que, não sendo, projetaram-se nela. Ao povo restou trabalhar ou, quando não há trabalho, curva-se (que tem o mesmo sentido de trabalho, do latim labor: curvar) e resignadamente, esperar afundado na ignorância para fazer “tudo que seu mestre mandar”, como faz recordação a música dos bossa-novistas Carlos Lyra e Vinicius de Moraes, em “Canção do subdesenvolvido”. (TURINO, 2013, p. 9)⁸ (Tradução livre minha)

Neste sentido, falo hoje aqui de um corpo sem disciplina, indisciplinado, “estranho”, “cênico *biopedagógico*”, “primitivo” – esses últimos

⁶ Uma rápida explicação sobre estas afirmativas temporais de moderno e pós-moderno. Tomo das ideias que pairam sobre nossos imaginários – corpos – que foram constituídas com os anseios de colonização do mundo, estabelecido no século XV com as viagens de caravelas europeias para conquistas, descobertas e “modernização” dos mundos desconhecidos; já da afirmativa de pós-modernidade em relação à imposição estadunidense sobre o resto do mundo, considero para tal o arranjo construído por aqueles anseios de globalizar os acessos de tudo no mundo para todos dos mundos. Obviamente, tem-se que levar em consideração, por exemplo, que a noção de modernização europeia não nos chega e, do mesmo modo e talvez pior, a noção de pós-modernidade é ainda mais distante como o “sonho americano” forjado para o mundo, dadas as nossas reais condições/situações econômicas, políticas, sociais, tecnológicas, culturais e muitos outros etc.

⁷ Esta questão para mim coloca mais ainda em evidência a impossibilidade deste trabalho tratar de um corpo físico unicamente, com preparação ou não, para determinado saber artístico disciplinar. Seja qual for. Nossa questão é que ainda não cumprimos o papel de reconhecer nossas necessidades corpóreas. Pois, como afirmado em outra situação, se ainda existe a ideia de um corpo que escuta, aqui penso no corpo que fala, ainda que tentem o impedir de falar a partir de si.

⁸ “La América del Sur también fue colonizada con la destrucción de la cultura del más antiguo continente con población humana, transformando gente en cosa.

La elite que se proyectó hacia fuera, sacó lo máximo y devolvió lo mínimo. “Lo bueno es lo que viene de afuera!”, fue el mensaje que pasaron al almidonar sus ropas en Francia o España, actitud repetida en los tiempos actuales, con relojes Rolex y tantos otros símbolos de status comprado. Esos mensajes crearon raíces en la mente de la elite y de aquellos que, so siendo, proyectaronse en ella. Al pueblo le restó trabajar o, cuando no hay trabajo, curvase (que tiene el mismo significado de trabajo, del latín labor: curvarse) e resignadamente, esperar sumergido en la ignorancia para hacer “todo lo que su maestro manda”, como hace recuerdo la música de los bossanovistas Carlos Lyra y Vinicius de Moraes, en “Canción del subdesarrollado.” (TURINO, 2013, p. 9)

termos são adotados por pesquisas em desenvolvimento de acadêmicos na Universidade onde trabalho que tentam pensar corpos nas Artes Cênicas a partir de seus próprios corpos em atuação – entre outros que melhor expliquem a ideia que quero discutir: corpos sem saberes moderno e/ou pós-moderno; corpo sem saber histórico colonial; um corpo sem arte disciplinar como linguagem; um corpo sem padrão; um corpo sem técnica; um corpo genuinamente contemporâneo – um corpo com *experivivências* cotidianas, um corpo contemporâneo que tem como premissa sua as suas histórias, memórias e geografias particulares: suas *biogeografias*. Um corpo sem fronteiras! Pela lógica, um não-corpo que seja de fato o nosso corpo em situação histórico-geográfico no século XXI; no hoje, nos agoras que nos compõem enquanto sujeitos em situação. Pois, um corpo contemporâneo como quero pensar é o *instante já* em que suas ações, reações, emoções, *experivivências* estão ocorrendo – no agora – não é, portanto, um corpo memória e menos ainda um corpo histórico com passado de tempo e geografia particulares privilegiados por um texto moderno em manutenção ainda na atualidade. Não é um corpo técnico em que razão e emoção castigam o corpo porque devem se dar separados! Não é um corpo que não dança, não pinta, não atua ou não performatiza porque alguém define que ele é o corpo do não.⁹

Como disse Silviano Santiago (2018) em recente vídeo-matéria veiculado pelo **Suplemento Pernambucano** em virtude do relançamento de **Uma literatura nos trópicos** (1978) – quarenta anos depois da 1ª edição –, quero investigar uma coisa que, *a meu ver*, ainda não foi bem analisada da melhor maneira; “algo que está sendo escondido”, no caso aqui o corpo que, desde que o homem e a mulher são objetos de investigação da ideia de Ciência Moderna, sofre com apagamentos por ser diferente dos padrões heteronormativos estabelecidos: o corpo-FÁLICO. Ainda na esteira de Santiago naquele vídeo, *grosso modo*, o corpo latino vive, mas não fala, o corpo latino existe, mas não atua, o corpo latino-americano-brasileiro-sul-mato-grossense-campo-grandense então, não existe, ainda que seja um corpo para o trabalho, para o *labor*, para o sexo, para o prazer, para a reprodução, para parir, para a morte, para o fim, para o tráfico, para a clandestinidade ou para a reposição de partes (peças) para o corpo branco, para o fim que se dá a qualquer coisa que não tem razão de existência: para indulgência. O não-corpo de situação fronteiriça imposta é, na ótica do pensamento hegemônico, o que tem de pior em corpo. Já na ótica que quero o corpo-fronteira é exatamente o corpo que busco como corpo epistêmico. Pois é o corpo que se constitui na/da/em exterioridade. Nosso corpo, segundo o que pensa Silviano Santiago, vive em constante esforço de “agregação” e “desagregação” do que é do outro, do que foi posto como nosso e do que não é nosso. Nosso corpo prefere a estética edificada no pensamento moderno que mancomunada com a globalização pós-moderna construiu um padrão para existência da razão e da emoção separados.

⁹ Um trabalho recém-escrito na graduação em Artes Cênicas, Trabalho de Conclusão de Curso de Juliano Ribeiro de Faria (2018) – hoje publicado na Revista Fundarte aqui referendada –, que tive a honra de orientar, faz uma explanação bastante significativa que corroborou resultar no que tenho pensado sobre um não-corpo agora. Naquela discussão o autor fala de um corpo estranho do Ser Menos que é um corpo do Ser Mais exatamente porque esse é um corpo estranho aos sistemas moderno e/ou pós-moderno de arte, cultura e conhecimentos e *si-move-se* como quer (Cf. FARIA; BESSA-OLIVEIRA, 2019).

Nesta ordem, fomos e somos obrigados sempre a apreender e aprender o que é dito pelo (técnico do) outro, ainda que finjamos improvisar; improvisar no nosso contexto ainda é agir *de sobre* um corpo colonizado e de consciência moderna de razão em sobreposição à emoção. Foi-nos imposto que somos sujeitos (corpos) que devem sempre ocupar a margem, a beira, o rebotalho da situação geográfica, política, econômica social e cultural de qualquer contexto estabelecido como *ex-cêntrico* ao Outro. E este outro está sempre na Europa ou nos Estados Unidos com os pensamentos e projetos Moderno e Pós-modernos, respectivamente, maculando e maquiando o imaginário latino-americano. Fazendo-nos acreditar ainda hoje que temos algum corpo que pode dançar, que pode atuar ou que possa ao menos existir. Mas, na boa da verdade, nós nunca pudemos sequer ser, sentir e nem saber sobre nossa real existência. Dirá sermos re-existência dentro do mesmo sistema que impõe os sistemas da arte. Nunca pertencemos à terra que de fato habitamos, pois até nossa ideia de habitação – ou espaço *geoistórico* que habitamos – é uma invenção moderna para angariação, ainda hoje, de todas as *naturezas* que um dia tivemos em abundância. Desde as nossas relações com os espaços imaginários, aos espaços que de fato relacionamos corporeamente – academias, escolas, universidades, instituições de pesquisas, espaços expositivos (museus, galerias, salões e palcos) –, estamos em constante contato com virtualidades (teóricas, artísticas e pedagógicas) alheias a nossa realidade subalterna. Nós não habitamos o próprio corpo, pois ainda o desconhecemos!

Nosso continente nunca sofreu com a falta de recursos naturais, nem de história ou ideias. Acontece que nossos recursos naturais foram levados desde o início da colonização, servindo apenas a uma pequena classe, transferindo riqueza para o exterior e acrescentando pouco valor aqui dentro. (TURINO, 2013, p. 8)¹⁰ (Tradução livre minha)

Por isso, para a “literatura nos trópicos” de Silviano Santiago, ainda, 40 anos depois, vivemos desde sempre no *entrelugar*: um lugar da busca pela afirmação e da desafirmação: um lugar da contradição literal do que é ser brasileiro, ou do que é ter um corpo latino-americano-brasileiro. Nosso corpo é forçado a ser, naturalmente, um corpo político; primeiro um corpo político como quis Michael Foucault – um corpo que obedece para participar docilmente das ações impostas –, depois somos esse corpo do *entrelugar* de Silviano Santiago, um corpo que ocupa a “contradição que busca a afirmação”. Um corpo que está sempre (entre)! Um corpo que nunca é (nada)! Por isso, tendo essas lógicas culturais em mente, penso neste não-corpo que quer agora, de uma forma ou de outra, tornar-se nosso (como) um corpo de fato. O corpo que temos obedece naturalmente à técnica (da arte) imposta com o pensamento moderno, e aprende e apreende, com grande facilidade, até a “não-técnica” pensando que se naturaliza por poder acessar tudo que a homogeneização técnica pós-moderna o impõe. O corpo político que acreditamos dom(in)ar é um corpo que permanece sentado quando mandam ou se levanta quando

¹⁰ “Nuestro continente nunca sufrió por la falta de recursos naturales, ni de historia, ni de ideas. Ocurre que nuestros recursos naturales fueron aliendados desde el principio de la colonización, sirviendo apenas a una pequeña clase, transfiriendo riquezas para fuera y agregando poco valor acá adentro.” (TURINO, 2013, p. 9)

recebe tal advertência. A destreza do não-corpo (negro, feminino, indígena, entre outras) em busca de ser um corpo (heteronormativo, masculino, fálico, branco e europeu) ocorre na consciência de forma inconsciente neles. Ainda somos obediência pura!

A e(ne)xistência de um não-corpo

Agora, neste contexto moderno que nos descontextualiza enquanto corpo, quero falar de um “corpo-política”; um corpo do *ser, sentir e saber* de suas próprias ações. Pois, é o “corpo que está em perigo, não é a palavra que está em perigo. E é o corpo do negro, é o corpo do indígena, é o corpo da mulher, é o corpo do homossexual e assim por diante”. (SANTIAGO, 2018). Pois são corpos de cor negra; corpo natureza; corpo com regras; corpo não heteronormativo, respectivamente. Não são corpos que têm fluxos, esses como diferenças reconhecidas! São esses corpos que clamam por (re)verificações do que é ainda reconhecido como um corpo da “técnica” moderna ou da ideia de corpo de “não-técnica” que é pós-moderna – o primeiro ancorado na ideia de que a Ciência explica o corpo (Ciência aqui vista como disciplina para o corpo) e o segundo, pós-moderno, porque está imposto na ideia de que acessamos tudo e ao mesmo tempo igual ao acessado pelos norte-americanos, de um corpo que acreditamos que improvisamos; busco pelo que são corpos a fim de serem situados em seus lugares de enunciação: portanto, donos de suas ações e reações como produtores de arte, cultura e conhecimentos – por um corpo da diferença colonial que está aquém da noção de corpo-social.

Alerta ao fato de que se trata de uma interpretação social e historicamente construída da percepção das diferenças entre corpos de machos e fêmeas, nem por isso podemos desprezar a força das diferenças de sexo e sua presença na estruturação de nossa sociedade: é o sexo que é captado nas estatísticas, é a polaridade entre homens e mulheres, machos e fêmeas, que organiza relações desiguais e hierárquicas no conjunto da sociedade.

É o sexo quem de-limita até nossa noção de corpo na arte: a mulher posa nua, o homem não pode ter suas “vergonhas” expostas. Socialmente o corpo feminino pode ser ex-posto em praça pública porque ele é da ordem da inferioridade, mas o do homem não pode ser posto em xeque, seu corpo, porque põe em evidência a sua imposição autoritária de masculinidade.

Esse modelo de corpo ocidental que tomamos para encenar as nossas produções em arte – teoria, práticas e pedagogias – está para os pensamentos modernos e pós-modernos porque ambos trabalham com noções de universalização de corpo para arte. Um corpo que tem por único parâmetro o falocentrismo europeu cristão para ancorar as ações do corpo, fundamentalmente na arte, e cientificista para a produção de conhecimento que desconsidera os corpos da diferença, especialmente colonial, como supostos produtores de alguma coisa. Pois, esses projetos têm, segundo Ramón Grosfoguel

Os paradigmas eurocêtricos hegemônicos que ao longo dos últimos quinhentos anos inspiraram a filosofia e as ciências sociais ocidentais do ‘sistema-mundo patriarcal/capitalista/colonial/moderno’ (Grosfoguel, 2005, 2006b) assumem um ponto de vista universalista, neutro e objetivo. (GROSFOGUEL, 2010, p. 458)

Que não observa o corpo que sofre, o não-corpo como corpo! Menos ainda toma da arte como possibilidade de construção de conhecimentos e, muito pior ainda, considera o corpo feminino, negro, indígena, homossexual, entre outros, – para fazer alusão às citações de Silviano Santiago – que estão se apresentando na cena contemporânea do jeito que querem e gostam; como tenho dito de um tempo para cá, que *si*-movem-se¹¹ como querem: por mais que a contragosto dos que ainda pensam que uma ideia de regional, nacional ou universalidade, nas fronteiras da exterioridade brasileira/latinas, seja possível em um momento que sequer falar de identidade e sociedade homogenia se tornou desnecessário. Do primeiro porque defender identidades é promover exclusão de muitas outras identidades edificadas pelos mesmos projetos moderno e pós-moderno em detrimento de alguma; segundo porque falar em sociedade homogenia, em ideais, num momento como o nosso, é ressaltar a *barbárie* ocorrida, por exemplo, com as últimas eleições presidenciais (2018) em que o brasileiro, até entre família, se sentiu no direito desprezar os seus pares tendo em vista a ideia hegemonia familiar, heterossexual, cristã, branca e de classe.

Provisórias considerações

“O conhecimento indígena é como uma árvore, cujas raízes mais profundas estão na história da comunidade, o corpo e o sangue derivam da terra.” (GAVILÁN, 2012, p. 115)

Por último, como as coisas aqui ainda estão em formulação, mesmo que depois de tentar discorrer tanto sobre elas, saliento que tomei de questões que são subjacentes a constituições da minha ideia de corpo epistêmico, meu próprio corpo¹², um corpo para além da ideia de corpo físico que temos, porque entendo que pensar em corpo específico de uma linguagem de arte, meu maior foco de investigação é a arte, ainda é pensar em um corpo disciplinado e domesticado na distinção entre razão e emoção como fora pensado pelo projeto moderno cartesiano e mantido nas culturas contemporâneas pela ideia de corpo pós-moderno que sustenta quase todo fazer artístico atual! Este corpo

¹¹ Esta questão já foi posta em vários outros trabalhos meus. Mas sempre cabe uma breve explicação a respeito, uma vez que tenho elaborado a ideia melhor em cada uma dessas discussões. Assim, *si*-mover-se tem sentido duplo: primeiro porque penso em um corpo que *si* move, depois, em um segundo lugar, este mesmo corpo *move-se*, em ambas as situações este corpo está para sua liberdade de, seja si mover, seja mover-se, movimentar como bem quer. Nesta interpretação, que a princípio parece até superficial, tomo da ideia de um corpo que não estaria, por exemplo, delimitado aos mandos e desmandos, se assim posso dizer, do professor em uma sala de aula, mas também em uma “cena” artística (de)limitada por um texto coreográfico, dramático, narrativo. Portanto, tenho usado este imperativo – mover – acompanhado do “prefixo” *si* e do “sufixo” *se*, mas a ideia também não está presa, já que falamos de movimento, a este único verbo, pois dançar, pintar, atuar, entre outros imperativos, não precisam necessariamente de companhia ou de ordens e roteiros pré-estabelecidos para tais.

¹² Talvez aqui até a minha ideia de “meu próprio corpo” seja equivocada. Penso isso agora considerando que até nosso imaginário é colonizado pelos sistemas moderno e pós-moderno de ver o mundo. Ou seja, se parto do princípio de que devemos descolonizar o corpo, para compreendê-lo exterior à dicotomia de razão e emoção, considerando que nossa mente é colonizada, não posso me dar ao capricho de acreditar que entendo meu corpo com um corpo que esteja descolonizado. Mas, uma coisa é fato, tenho lutado para aprender a desaprender este consciente e inconsciente colonial que pairam sobre nossos corpos/mentes.

disciplinado aqui é aquele corpo físico – da sala de aula, do palco, da pintura, da escultura, que anda na rua, entre outros corpos que ocupam lugares –, mas que sempre foram tratados como (des)(ocu)padados, ainda que com sensações. Mas que sensações observamos nesses corpos considerados latinos?

Por isso, considerando as questões que se quis aqui vir a discutir, penso e resisto na ideia de que o corpo das artes (cênicas) latinas, de modo geral, ainda é um corpo que se divide entre razão e emoção na presença da “cena” artística, especialmente brasileira. Já da noção de corpo que se toma para argumentar a insistência dessa dualidade na arte brasileira, ainda que contemporânea, de um corpo epistêmico descolonial, entende-se que o corpo ainda é um “conceito” a ser compreendido para além do “corpo dócil” como “corpo-político” (foucaultiano), mas que estaria inscrito na noção de “corpo-política” discutida por Walter Mignolo em que razão e emoção são indissociáveis no fazer, no pesquisar e no ensinar arte, pois esses estariam vinculados à noção de que nenhum corpo pode ou deve ser domesticado para uma disciplina que tem, como apontei com Grosfoguel antes, todas as bases epistemológicas modernas e/ou pós-modernas.

O corpo no pensamento ocidental ainda é compreendido como aquele que sofre o mal por não ser igual ao corpo do outro que é tomado como modelo padrão de corpo. Dito de outro jeito, não há “técnica” ou “não-técnica” artísticas no pensamento ocidental que não domestique o corpo no cogito razão e emoção para a arte. Não há expressão na cultura latino-americana-brasileira-sul-mato-grossense-campo-grandense que não fez tornar objeto a coisa (sujeito) corpo! Sinalizado isso, a ideia aqui é fazer evidenciar que todo *ser, sentir e saber* ocidentais ainda estão ancorados na noção imaginária de que o corpo (negro, homo, feminino, pobre, das artes – de exterioridade –, entre outros) sofre com *se-parações* na arte. Por último, para de fato apontar as conclusões primárias da questão:

Sugiro um caminho de indagação: porque implica algo muito material, o “corpo” humano. A “corporalidade” é o nível decisivo das relações de poder. Porque o “corpo” implica a “pessoa”, se se libertar o conceito de “corpo” das implicações mistificadoras do antigo “dualismo” eurocêntrico, especialmente judaico-cristão (alma-corpo, psique-corpo etc.). E isso é o que torna possível a “naturalização” de tais relações sociais. Na exploração, é o “corpo” que é usado e consumido no trabalho e, na maior parte do mundo, na pobreza, na fome, na má nutrição, na doença. É o “corpo” o implicado no castigo, na repressão, nas torturas e nos massacres durante as lutas contra os exploradores. [...]. Nas relações de gênero, trata-se do “corpo”. Na “raça”, a referência é ao “corpo”, a “cor” presume o “corpo”. (QUIJANO, 2010, p. 126)

A passagem de Quijano é agora tão fundamental, especialmente, porque ela ilustra com grande sapiência algumas questões que vão também ser conclusivo-ilustrativas, apenas para não ser repetitivo e dizer novamente fundamental, para as discussões que tenho tentado fazer valer como proposta epistêmica para discutir corpos latinos – generalizando – na arte não europeia e/ou estadunidense. Igualmente a questão posta por Quijano evidencia que nem mesmo o gênero dá conta de encobrir o lugar do corpo como anteparo de toda a desgraça imposta aos não-corpos latinos pelo pensamento hegemônico que homogeneizou todas as diferenças latinas. Ou seja, se por um lado, para o bem, o corpo é nosso suporte para todas essas coisas apontadas pelo autor.

Se é no corpo que sofremos ainda temos a possibilidade de deixar de sê-lo. Por outro, é exatamente, para o mal, que precisamos perceber e compreender melhor quem é nosso corpo que buscamos na arte latina, brasileira, sul-mato-grossense, fronteiriça, por exemplo. Igualmente à segunda situação a partir da leitura de Quijano, ainda tomando esta para o mal, precisamos ter em mente que como suporte e espora/escória de disciplinas, exercícios técnicos, normas, mas também na “exploração” pelo trabalho, “na pobreza”, “na fome”, “na má nutrição”, “na doença”, sem alegria, “na doença e na pobreza, ser sempre castigado, reprimido e torturado por normas, formas, modelos, padrões e ainda termos que seguir a normatização de algum gênero mais bem aceito, ou uma raça porque aquela é melhor ou pior e ainda termos a cor definindo o que somos – “meninos usam azul e meninas usam rosa” – o “corpo” como reconhecemos não dá mais conta supor. Não cabe mais nada, literalmente, nesta noção de corpo que temos. Precisamos, urgentemente, pensar em alternativas de escapes. Precisamos inventar outro suporte que não suporte mais ser adestrado!

Há uma crença no imaginário colonizado nosso – latino americano – na ideia de pureza de corpo, de um domínio sobre um arquétipo de corpo: ledão engano! Como se fosse aberto e fechado, em tempo e hora, como queira, às coisas do mundo que nos contamina. Nosso imaginário, por isso, é representação pura da ótica de um Grande Outro. Estamos sempre representando! Nem nós, de uma ótica descolonial, sabemos quem de fato somos. Nós nos representamos o tempo todo: para nós mesmos e para o outro nosso par também. A ideia é ser aceito em qualquer normalização de corpo, por mais que essa norma seja ainda entendida como fora de norma. “Sentado”, “em pé”, “dócil”, como agente “bancário” ou como aquele que supostamente inventa. Entretanto, “danço, logo existo” (NORONHA; BESSA-OLIVEIRA, 2019). Mas poderia ser atuo, logo existo; pinto, esculpo, decoro, arquiteto, toco, logo sou corpo que re-existe! Danço, por mais que essa dança não seja padrão. Assim, atuo como tal, pinto como essa normatização, vivo e até sinto. Pois sentir é dado, na nossa cultura, aos abertos a interpretarem textos prontos.

Referências

FARIA, Juliano Ribeiro; BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. “**Corpo estranho: o desamparado que encontra sua política de ser**”. In: **Revista da FUNDARTE**, Montenegro, p. 396-415, ano 19, nº 37, Janeiro/Março. Disponível em: <<http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>> 30 de março de 2019.

GAVILÁN, Victor Manuel. **El pensamiento en espiral: el paradigma de los pueblos Indígenas**. Santiago, Chile: Ñuke Mapuförlaget; Editor Generali Jorge Calbucura; Diseño gráfico Susana Gentil. *Ebook*, 2012. (Working paper series 40).

GROSFUGUEL, Ramón. “**Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global**”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 455-491.

NOLASCO, Edgar César. “A (des)ordem epistemológica do discurso fronteiriço”. In: BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio; NOLASCO, Edgar César;

GUERRA, Vânia Maria Lescano; FREIRE, Zélia R. Nolasco dos S.. (Orgs.). **Fronteiras Platinas em Mato Grosso do Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia):** biogeografias na arte, crítica biográfica fronteiriça, discurso indígena e literatura de fronteira. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017, p. 65-93.

NORONHA, Marina Maura de Oliveira; BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. “Corpos roubados nos saberes do ensino de Arte”. In: **Revista da FUNDARTE**, Montenegro, p. 417-437, ano 19, nº 37, Janeiro/Março. Disponível em: <<http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>> 30 de março de 2019.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder e classificação social”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p.84-130.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade, poder, globalização e democracia”. In: **NOVOS RUMOS**. Ano 17, nº 37, 2002, p. 4-28. Disponível em: <http://www.bjis.unesp.br/revistas/index.php/novosrumos/article/view/2192> – acessado em: 14 de maio de 2018.

SANTIAGO, Silvano. “Vídeo de divulgação de relançamento **Uma literatura nos trópicos** (1978)”. In: **Suplemento Pernambucano**, 2018, 6m15s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0sxv8GgNrLQ> – acessado em: 18 de fevereiro de 2019.

SKLIAR, Carlos. (Org.). **Derrida & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.

TURINO, Célio. “Prefacio”. In: BAZÁN, Iván Nogales. **La descolonización del cuerpo: arte que se hace abrazo**. Fundación Cultural BCB, La Paz, Bolivia, 2013.